

A DINÂMICA DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES EM GOIÂNIA ENTRE 2000 E 2004

Joana D`arc Bardella de Castro¹
Maísa Jacinto e Sousa²
Paulo Henrique Bautzer Silvestre³

RESUMO

Esse artigo trata do desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local das Indústrias de Confeccões em Goiânia no período de 2000 a 2004. O objetivo da pesquisa feita foi identificar os elementos que já estão presentes e os que ainda precisam ser aprimorados para que a região possa se tornar um pólo nacional de confeccões, aspiração que o governo tem incentivado nos últimos anos.

Palavras-chave: Arranjo Produtivo Local, Confeccões, Diagnóstico.

ABSTRACT

This paper deals with development ready-made clothing between 2004 and 2005 years. The purpose of this enquiry was to identify the elements that are present and those that will come in future in order to make improvement in order to make this region a national center of ready-made clothing. Local government has been prosecuting this aim in the late years.

Key Words: Local productive arrangement; Ready-made clothing; Diagnostic.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas tem sido crescente o interesse, tanto por parte da literatura econômica como dos agentes formuladores de políticas públicas, pelo potencial de desenvolvimento de aglomerações industriais especializadas, conhecidas como *clusters* ou ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APLs).

A literatura parte do princípio de que a proximidade geográfica entre as firmas, bem como entre essas e instituições de coordenação e suporte, gera um conjunto de sinergias e externalidades, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento da inovação e da competitividade. A importância desse tipo de estudo e acompanhamento dos APLs se demonstra nos estudos onde é vislumbrada a perspectiva de desenvolvimento local e regional,

¹ Mestre em Economia de Empresas pela UCB, Professor de Graduação e Pós-Graduação da UEG

² Bacharel em Economia pela Universidade Católica de Goiás; Pós-Graduanda em Economia de Empresas pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: maisajacinto@hotmail.com

³ Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Salgado de Oliveira; Pós-Graduando em Economia de Empresas pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: phbautzer@hotmail.com

com geração de emprego, renda e descentralização industrial em âmbito nacional.

Com base nestes princípios, este estudo procura explicar o grande dinamismo do arranjo produtivo local das indústrias de confecções de Goiânia, no período de 2000 a 2004. A hipótese fundamental é que, além do baixo custo de entrada e a disponibilidade de mão de obra barata; a interação entre os próprios agentes concentrados no APL, com a participação dos órgãos públicos e privados, induzindo o processo de organização do arranjo, são os principais fatores explicativos desse comportamento dinâmico, que tem impulsionado o crescimento e a sobrevivência de micro, pequenas e médias empresas. O dinamismo no arranjo se expressa em seu ritmo de crescimento, no avanço da produtividade, na diversificação e qualidade dos produtos.

REVISÃO DE LITERATURA

Os arranjos produtivos locais se definem como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais - com foco em um conjunto específico de atividades econômicas - que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas - que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializados, clientes, entre outros e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento (LASTRES E CASSIOLATO, 2002, p.11). A formação de arranjos e sistemas produtivos locais depende da formação organizacional, de cooperação, capacidade inovativa e sócio-econômica de cada região ou espaço industrial.

Os APLs são produtos das mudanças tecnológicas e da lógica do capitalismo, a chamada “sociedade de rede”. Nesse quadro, vários autores têm enfatizado a importância da proximidade geográfica no relacionamento inter-firmas. Termos como sinergia, economias de aglomeração, competitividade sistêmica, sistema local de inovação ou eficiência coletiva, expressam os principais conceitos em debate. Pesquisas em clusters industriais e da localização como fonte de vantagens competitivas, ganharam espaço crescente na literatura econômica ao longo dos anos 1980 e 1990. Essas pesquisas, atualmente, estão se desenvolvendo em quatro linhas de trabalho: dentro da Nova Geografia Econômica; no campo

da Economia de Empresas; no âmbito da Economia Regional e; na Economia da Inovação.

APLs e a Nova Geografia Econômica

A chamada Nova Geografia Econômica (NGE) é um desenvolvimento, no campo da economia regional, da introdução dos retornos crescentes na agenda do *mainstream economics*, a teoria econômica ortodoxa de base neoclássica. Ao retirar de seus modelos o suposto de retornos constantes de escala, o *mainstream* realizou avanços importantes em suas teorias de organização industrial, comércio internacional e crescimento econômico. Através da NGE, Paul Krugman (1995) realiza avanço semelhante na discussão da lógica microeconômica que guia a organização da produção no espaço, ao modelizar retornos crescentes como decorrência de economias de aglomeração. Em seus modelos, esse autor mostra que pequenas diferenças na oferta regional de um insumo podem gerar efeitos cumulativos e detonar um processo de reorganização espacial, levando à concentração da produção naquela região (RUIZ, 2003, p.6-8).

APLs e a Economia de Empresas

No campo da Economia de Empresas, Michael Porter, in López 1998, também trabalha com a importância das aglomerações produtivas. Ele evidencia que as vantagens competitivas na economia global têm na sua base um conjunto de fatores locais que garantem o dinamismo das firmas líderes. Porter, in López 1998, ressalta a importância da proximidade, tanto de fornecedores e clientes, como também de rivais, na dinâmica do desenvolvimento dos negócios e, conseqüentemente, na competitividade das empresas (LÓPEZ E LUGONES, 1998, p. 10).

APLs e a Economia Regional

No âmbito da Economia Regional, a partir de meados dos anos de 80, surge um grande número de trabalhos discutindo a questão das aglomerações produtivas. Podem-se distinguir três núcleos de discussão nesse campo, o primeiro núcleo centrado na Itália, tendo como referência principalmente a dinâmica dos distritos industriais do norte daquele país, autores como Brusco, Sabel, Becattini (1994) entre outros, refletem sobre a experiência dos distritos industriais da chamada Terceira Itália, chamando a atenção para a importância das

externalidades decorrentes da aglomeração (economias externas às firmas e internas ao distrito). Essa literatura dá ênfase às interações verticais entre empresas que atuam nas várias fases da cadeia de valor, destacando as economias externas decorrentes do uso compartilhado de equipamentos, acesso comum a *pools* de mão de obra, troca de informações técnicas, atividades de subcontratação e outras do tipo, que ampliam a competitividade de pequenas empresas localizadas em distritos industriais (LÓPEZ E LUGONES, 1998, p. 10-11).

Um segundo núcleo, na França, com pesquisadores vinculados ao *Groupe de Recherche Européen sur les Milieux Innovateurs* (GREMI), trabalham principalmente com a idéia de ambiente inovador (*milieu innovateur*). Para eles, as relações sócio-culturais entre as diversas firmas concentradas regionalmente, bem como entre essas e as diversas instituições de suporte - como universidades e centros de pesquisa - são fundamentais para explicar as vantagens que as empresas possuem por estarem localizadas em aglomerações industriais. A intensa troca de informações, o desenvolvimento da confiança e de uma linguagem comum entre as empresas, reduz a incerteza e ampliam a capacidade de aprendizado tecnológico das firmas, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento da inovação e da competitividade (LÓPEZ E LUGONES, 1998, p. 11).

Um último núcleo é o norte americano da “escola californiana”, cujos representantes mais conhecidos são A. Scott e M. Storper (1997). Esses autores articulam as duas visões anteriores diferenciando *traded interdependences* na qual a aglomeração tem como objetivo a redução de custos de transação, das *untraded interdependences*, “que não podem ser reduzidas a relações de insumo-produto ou contratuais, e que incluem *spillovers* tecnológicos e convenções, regras e linguagens para desenvolver, comunicar e interpretar o conhecimento” (LÓPEZ E LUGONES, 1998, p. 10).

APLs e a Economia da Inovação

No campo da chamada Economia da Inovação, o foco ao longo do tempo tem sido o desenvolvimento tecnológico na firma individual. Nos últimos 10 anos essa literatura tem dado um destaque crescente ao aprendizado por interação (*learning-by-interaction*) e, a partir daí, à importância das redes de inovação e as vantagens de localização das firmas de aglomerações industriais. Os trabalhos reunidos em Lundvall (1992) enfatizam a natureza interativa dos processos de inovação e aprendizagem. As redes formais e informais em que as firmas participam podem compensar, ao menos parcialmente, as limitações no espaço de busca de cada um. Assim, a geração e difusão de tecnologia descansam fortemente na redução de custos de transação via internalização dos intercâmbios em redes. O intercâmbio

de fluxos de informação pode resultar em uma ‘mescla’ de diferentes visões de futuro; se, por esta via, distintos atores chegam a compartilhar uma expectativa similar, o risco percebido ante qualquer mudança tecnológica pode reduzir-se, gerando uma quase-coordenação de investimentos de atores formalmente independentes (CARLSSON Y JACOBSSON, 1994, apud LÓPEZ E LUGONES, 1998, p. 7).

Com a era do conhecimento e a integração das redes recupera-se o aprendizado coletivo, a cooperação, o conhecimento tácito que envolve tanto a política local quanto à estrutura social dos agentes locais, intensificando os ativos relacionais e a necessidade de instituições de educação. A combinação das visões de Lundvall e Johnson (2003), que usam o conceito de economia do aprendizado (learning economy), e de Asheim e Cooke, in Diniz 2000, com o conceito de regiões que aprendem (learning regions), demonstrando que o grande paradigma contemporâneo, baseado na tríade informação-computação-telecomunicação está sustentado na visão de que o conhecimento e o aprendizado constituem o recurso e a forma mais importante para a inovação e a competição (DINIZ, 2000, p.10).

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica a partir de estudos em livros, jornais, revistas especializadas, relatórios de estudo de caso realizados pela RedeSist. A pesquisa documental desenvolveu-se através do banco de dados da RAIS, disponível no site do Ministério de Trabalho e Emprego, com base de dados de vínculos empregatícios e estabelecimento, no que tange a atividade de indústria de confecções de vestuário e acessórios (CNAE, divisão 18). O enfoque utilizado procura captar a interação entre os agentes locais para difusão e busca do conhecimento, realizado através de instituições de coordenação e com a participação do Governo.

Os objetos de estudo foram as empresas ligadas ao setor de confecções na Grande Goiânia para a identificação de como está o desenvolvimento de um Arranjo Produtivo Local e quais seriam as deficiências para o desenvolvimento das empresas ligadas a esse setor.

DISCUSSÃO

Estrutura da Oferta e Padrão de Concorrência

A indústria de confecções é constituída dos segmentos de moda praia, jeans, traje

esportivo e social, roupas de dormir, infantil, roupas íntimas e roupas especiais para segurança industrial e pessoal. Esta indústria integra o complexo têxtil que é composto por fabricação de artigos para cama, mesa e banho; cozinha, limpeza e decoração; meias e modeladores e acessórios para o vestuário.

A indústria de confecções é intensiva em mão-de-obra e tem como característica estrutural básica a grande heterogeneidade de unidades fabris, isto é, as escalas encontradas no setor variam bastante. Internacionalmente, encontram-se firmas no setor que empregam desde menos de 10 trabalhadores a mais de 40.000 (BASTOS, 1993^a).

Os países desenvolvidos para suprir a necessidade de mão-de-obra barata e competir internacionalmente com outros países implantaram um sistema de subcontratações ou outward processing, onde deslocam a produção mantendo a dinâmica da própria empresa contratante.

Por ter intensa utilização de mão-de-obra a indústria de confecções é importante para os países em desenvolvimento. O baixo custo de entrada e a pouca utilização de inovação tecnológica beneficia a entrada de micro e pequenas empresas no mercado, principalmente por ser extremamente segmentado e com diferentes níveis de consumidores.

As negociações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento podem ser através de licenciamento com meta explícita de direcionamento da produção. No Brasil as marcas licenciadas são vendidas apenas aqui no país.

Regime Tecnológico

Do ponto de vista da tecnologia industrial para as confecções em âmbito internacional continua a incapacidade de superar o “gargalo tecnológico”, a dificuldade no manuseio dos tecidos (fase de montagem e costura), e a variedade de textura também é um obstáculo para a automação. Deparam ainda com a alta flexibilidade deste mercado por ser de baixa barreira a entrada de novas firmas, e por utilizarem na etapa produtiva trabalho intensivo (mão-de-obra), o que beneficia os países em desenvolvimento.

Com a informatização no corte e desenho (CAD/CAM) as indústrias monitoram a produção através de redução de custos, tempo de produção, e a necessidade de estoque, mantendo uma interação direta com fornecedores e consumidores (just in time).

As tecnologias-chave para o desenvolvimento tecnológico das empresas têxteis e de confecções no Brasil são: para a produção têxtil tecnologia de medição da cor e de fiação

de última geração, para tecelagem as tecnologias CAD e, para a confecção além da CAD/CAM (Computer Aided Design e Computer Aided Manufacturing) que aumenta a precisão no corte da matéria prima e a qualidade do produto, principalmente técnicas organizacionais.

As técnicas organizacionais estão ligadas às empresas que investem em gestão moderna e controle de qualidade, com produção diversificada e flexível, reduzindo o tempo e os custos operacionais e administrativos, dando maiores chances de entrar ou permanecerem no mercado.

As inovações nas indústrias de confecções permitiram a adoção de formas flexíveis de organização da produção. Quando se tornou possível, quase que instantaneamente, evoluir de um *design* original para definição detalhada do plano de corte de todos seus tamanhos de fabricação, viabilizaram-se formas de organização da produção flexível em bases de “respostas rápidas” as mudanças nos padrões da demanda. Muitas firmas que alcançaram sucesso empresarial – um dos exemplos mais notáveis é o caso da Benetton – passaram a concentrar suas atividades nas etapas mais “nobres”, de alto valor adicionado, subcontratando firmas menores para realizar as etapas mais intensivas de trabalho e crescentemente associadas a parcelas menores do valor adicionado.

A concorrência no mercado mundial induziu as indústrias a se especializarem em determinado artigo/tecido, e a capacidade de investimento em capital foi determinante na escolha do mercado de atuação; no mais sofisticado atendendo a classe de maior poder aquisitivo, ou na classe baixa que procura primeiramente por preço e depois por qualidade.

Sendo importante à cooperação entre os agentes da cadeia têxtil-vestuária, não apenas na competitividade, mas também no estreitamento das relações entre as empresas produtoras, fornecedores e clientes.

Tem-se verificado a formação de redes, não só em espaço nacional, em que a logística passa a ser otimizada através do sistema de informatização – electronic data interchange e efficient consumer response, diminuindo estoques, exigindo planejamento e desenvolvimento tecnológico para atender a demanda.

No âmbito nacional as indústrias de confecções tiveram um crescimento de 16,52% de 2000 para 2004, prevalecendo às micro-empresas no total com 85,95% das firmas, e com crescimento de 15,11% no período (Tabela 1).

TABELA 1: Brasil, Indústrias de Confecções*, Número de Estabelecimentos por Porte da Empresa e Região (2000-2004)

Porte da Empresa		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Total
Micro Empresa	2000	258	3.540	16.725	7.744	1.962	30.229
	2004	321	4.515	17.940	9.419	2.602	34.797
Pequena Empresa	2000	19	509	2.293	1.006	205	4.032
	2004	30	673	2.742	1.409	266	5.120
Média Empresa	2000	1	70	229	134	15	449
	2004	1	61	275	179	19	535
Grande Empresa	2000	0	12	14	9	0	35
	2004	0	10	11	12	0	33
Total	2000	278	4.131	19.261	8.893	2.182	34.745
	2004	352	5.259	20.968	11.019	2.887	40.485

Fonte: RAIS-TEM, 2004

* CNAE, Divisão 18

APL das Indústrias de Confecções em Goiânia - Origem e Desenvolvimento

Em Goiânia o crescimento das unidades produtivas foi impulsionado na década de 1950 pelo aumento da população, estimado em 50%, chegando a 75 mil habitantes no meio da década, ocasionando um crescimento por demanda de bens de consumo e serviço. A Casa Alencastro Veiga destacou-se com produtos para homens, mulheres, artigos de luxo, presentes e relógios. E já encontrava instalada a Tecidos Tita, fundada em 1954 por Manoel da Cunha Rego Madruga, sendo a primeira loja atacadista de tecidos do Estado de Goiás e hoje considerada a maior de todo o Brasil (ROCHA, 2003, p.142-155).

Na década de 1960 a indústria goiana ganha novo impulso com a instalação da hidrelétrica de Cachoeira Dourada, e na década de 1970 com a concessão de benefícios fiscais conseguidos através da Federação das Indústrias do Estado de Goiás - FIEG e Secretaria da Indústria e Comércio - SIC.

As primeiras indústrias de confecções surgiram na década de 1960. Em 1964 foi instalada a “Planalto Confecções”, que trabalha ainda hoje confeccionando calças e camisas. Em 1966 foi criada a “Confecções Nova Plan” com diversos artigos do vestuário e artigos de cama e mesa, que hoje apenas revende mercadorias. Em 1967 a “Confecção Scala”, hoje “Bulk Confecções”, fundada por Antônio Meneguello, implantou a ‘modinha’ com vendas somente no atacado, e hoje atende também ao mercado varejista.

Com o mercado crescente e tornando-se promissor, foram surgindo novos confeccionistas nas imediações das primeiras confecções no setor Campinas, na Rua Alberto

Miguel, antiga Avenida Bahia; na Avenida Bernardo Sayão, no setor Fama; e na Avenida 85, setor Marista.

Na década de 1980, mesmo com a recessão que o país enfrentava, o setor de confecções consolidou-se em Goiânia, principalmente na Avenida 85 e adjacências do setor Marista, e na Avenida Bernardo Sayão, no setor Fama.

O dinamismo da atividade impulsionou a implantação de novas confecções, por ser associada a baixo custo de entrada e mão-de-obra barata. O maquinário utilizado não requer especialização, sendo de fácil manejo.

Principais Agentes do Segmento Produtivo

De acordo com o cadastro da RAIS de 2004, no APL de Goiânia existem 1.538 empresas de confecções que empregam, em seu conjunto 11.522 trabalhadores, sendo que deste total 72% do sexo feminino. De acordo com o mesmo cadastro, nas atividades relacionadas que gravitam em torno das empresas de confecção encontram-se 67 lavanderias; 132 empresas de comércio atacadista de fios têxteis, tecidos e artefatos de tecido; 419 comerciais atacadistas de artigos do vestuário e complemento; 339 comerciais varejistas de artigos de armarinhos e 1.304 empresas de comércio varejista de artigos do vestuário e complementos.

Nos segmentos de serviços do município, com potencial de interação com as firmas de confecções, constam cadastradas 44 firmas comerciais atacadistas de aparelhos e equipamentos de uso industrial; 390 empresas de transporte rodoviário de cargas; 06 de transporte aéreo regular e 06 não regulares; 106 de processamento de dados; 231 empresas que desenvolvem atividades jurídicas; 291 de contabilidade e auditoria; 77 firmas que exercem a atividade de assessoria em gestão empresarial; 94 de publicidade e 1.130 empresas classificadas em outras atividades de serviços prestados principalmente às empresas.

O segmento de confecções, por ser de baixo custo à entrada, gera uma grande informalidade, principalmente na parte de silk, bordado, acabamento e façção, proporcionando mais vagas no mercado de trabalho, e servindo de aperfeiçoamento para inserção dos trabalhadores no mercado formal.

O APL empregou, em sua atividade principal no ano de 2004, 11.522 pessoas, o que representa 2,92% do total de empregados na capital, enquanto o percentual de trabalhadores no setor de confecções é de 2,27% em Goiás, 0,93% no Centro-Oeste e 1,58%

no Brasil (Tabela 2). Esses dados mostram a especialização da capital goiana e do Estado de Goiás na atividade de confecções.

TABELA 2: Indústrias de Confecções* Total de Número de Empresas e de Empregos – 2004 – Goiânia, Goiás, Centro-Oeste e Brasil.

Localidade	2004					
	Setor de Confecções (a)		Total da Economia (b)		(a) / (b) em %	
	Nº Empresas	Nº Empregados	Nº Empresas	Nº Empregados	Nº Empresas	Nº Empregados
Goiânia	1.538	11.522	31.114	394.325	4,94	2,92
Goiás	2.362	19.807	94.555	872.824	2,50	2,27
Centro-Oeste	2.887	24.158	231.920	2.591.583	1,24	0,93
Brasil	40.485	495.727	2.626.176	31.407.576	1,54	1,58

Fonte: RAIS – MTE, 2004

*CNAE Divisão 18

Do total de 1.538 empresas do arranjo, 1.182 estão cadastradas como confecções de peças do vestuário, exceto roupas íntimas; 217 como produtoras de roupas íntimas; 75 são fabricantes de acessórios do vestuário; 61 confecções de roupas profissionais e 03 com acessórios para segurança (Tabela 3).

TABELA 3: APL de indústrias de confecções de Goiânia – 2004 – Distribuição das empresas por classe CNAE.

Segmento	Confecção de roupas íntimas, camisas e semelhante	Confec. de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, ...	Confec. de roupas profiss.	Fabricação de acessórios do vestuário	Confec. de acessórios segurança industrial e pess	TOTAL	%
Porte da Empresa*							
ZERO	24	128	6	13	0	171	11,12
ATE 4	118	542	24	35	1	720	46,81
5 A 9	42	252	12	15	0	321	20,87
10 A 19	20	143	10	9	2	184	11,96
Micro Empresa	204	1065	52	72	3	1396	90,77
20 A 49	10	97	6	2	0	115	7,48
50 A 99	3	15	3	1	0	22	1,43
Pequena Empresa	13	112	9	3	0	137	8,91
100 A 249	0	5	0	0	0	5	0,33
250 A 499	0	0	0	0	0	0	0,00
Média Empresa	0	5	0	0	0	5	0,33
TOTAL GERAL	217	1182	61	75	3	1538	100,00
%	14,11	76,85	3,97	4,88	0,20	100	

Fonte: Rais, MTE, 2004

* Porte da Empresa definido através da quantidade de empregados.

No que se refere ao porte das empresas, segundo cadastro da RAIS 2004 o segmento é basicamente composto por micro empresas, que representam 90,77% total, prevalecendo entre elas à faixa com até 04 empregados. As pequenas empresas correspondem a 8,91% do total, a grande maioria empregando entre 20 e 49 pessoas. Os outros 0,33% das firmas são médias empresas com até 249 empregados, não existindo nenhuma grande empresa (Tabela 3). As micro-empresas respondem por 53,54% dos empregos, as pequenas por 40,78% e as médias por 5,68% do total de empregados (Tabela 4). O pessoal ocupado é basicamente feminino, com participação de 72,05% no arranjo local.

TABELA 4: Porte das Empresas do Arranjo Produtivo Local Emprego e Massa Salarial (R\$) nas indústrias de confecções* (2004).

Porte da Empresa	TOTAL			
	Nº de Empregados		Massa Salarial	
	Nº	%	R\$	%
Micro Empresa	6.169	53,54	2.668.671,55	52,13
Pequena Empresa	4.699	40,78	2.179.952,06	42,58
Média Empresa	654	5,68	271.012,58	5,29
TOTAL GERAL	11.522	100,00	5.119.636,19	100,00

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE Divisão 18

A massa salarial no arranjo corresponde a 60,90% do total na indústria de confecções em Goiás, 50,52% do Centro-Oeste e 2,00% do país (Tabela 5).

TABELA 5: Brasil, Centro-Oeste, Goiás e Goiânia – Massa Salarial (\$) nas indústrias de confecções* (2004).

Região	M.Salarial (\$)			
	Valor	% Estado**	% Centro-Oeste**	% Brasil**
Goiânia	5.119.636,19	60,90	50,52	2,00
Goiás	8.406.720,58	100,00	82,95	3,28
Centro-Oeste	10.134.625,95	-	100,00	3,96
Brasil	256.221.555,62	-	-	100,00

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE Divisão 18

** Percentual no total das indústrias de confecções no espaço mencionado

No que se refere ao grau de escolaridade 0,43% do total é analfabeto; da 4ª série incompleta ao 1º grau completo concentram 51,66% do total de empregados; 46,34% com o 2º grau; e 1,19% com superior incompleto e uma pequena parcela de 0,38% com superior

completo (Tabela 6).

TABELA 6: Grau de Instrução do APL de Goiânia (2004)

Grau de Instrução	MASCULINO		FEMININO		TOTAL GERAL	
	Nº Empregados	%	Nº Empregados	%	Nº Empregados	%
ANALFABETO	12	0,37	38	0,46	50	0,43
4ª Série incompleta	69	2,14	167	2,01	236	2,05
4ª Série completa	135	4,19	391	4,71	526	4,57
8ª Série incompleta	485	15,06	1.226	14,77	1.711	14,85
8ª Série completa	976	30,31	2.503	30,15	3.479	30,19
2º Grau incompleto	823	25,56	2.031	24,46	2.854	24,77
2º Grau completo	668	20,75	1.817	21,89	2.485	21,57
Superior incompleto	41	1,27	96	1,16	137	1,19
Superior completo	11	0,34	33	0,40	44	0,38
TOTAL GERAL	3.220	100,00	8.302	100,00	11.522	100,00

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE Divisão 18

O cadastro da RAIS 2004 revela que o nível de escolaridade dos trabalhadores em confecções no APL é superior à média nacional, o que representa uma vantagem competitiva para o arranjo. Enquanto o pessoal ocupado com no mínimo o segundo grau incompleto em Goiânia representa 47,91% do total, esse percentual é de 42,91% no Brasil. Contudo, os trabalhadores analfabetos representam 0,43% do total empregado no arranjo produtivo local, sendo esta superior à taxa nacional de 0,39% e inferior a 0,61% do Estado de Goiás (Tab. 7).

TABELA 7: Brasil, Centro-Oeste, Goiás e Goiânia – Grau de Instrução – Percentual (2004)

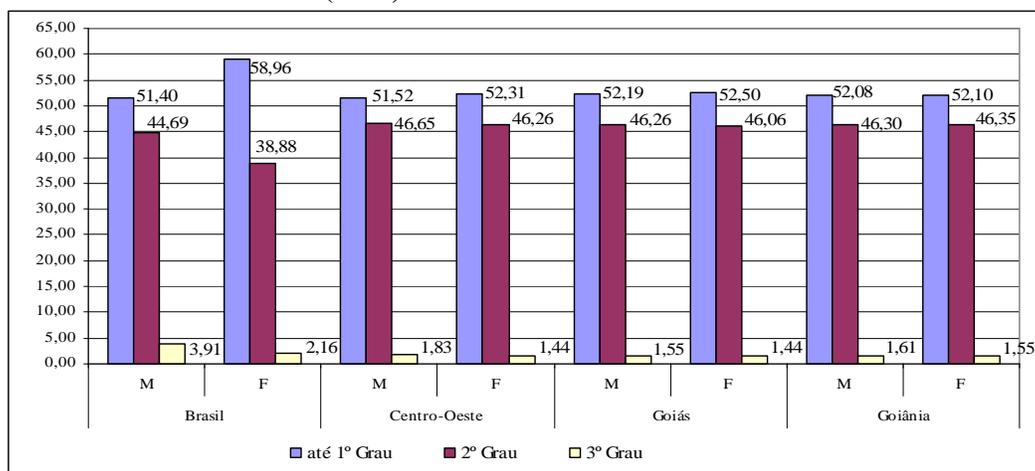
Grau de Instrução	GOIANIA	GOIÁS	CENTRO OESTE	BRASIL
Analfabeto	0,43	0,61	0,57	0,39
4ª Série incompleta	2,05	1,83	1,80	2,19
4ª Série completa	4,57	4,21	4,56	8,10
8ª Série incompleta	14,85	19,81	19,14	18,11
8ª Série completa	30,19	25,95	26,00	28,30
2º Grau incompleto	24,77	23,83	23,14	15,60
2º Grau completo	21,57	22,29	23,23	24,72
Superior incompleto	1,19	1,04	1,10	1,39
Superior completo	0,38	0,43	0,46	1,20
TOTAL GERAL	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE 18

Assim como na média brasileira, o nível de escolaridade dos trabalhadores em confecções é um pouco mais elevado entre os homens do que entre as mulheres. A escolaridade entre os homens no APL é praticamente a mesma que se verifica na média do país, com 52,10% dos empregados tendo no mínimo o primeiro grau em Goiânia e 51,40% no Brasil. Já entre as mulheres, que representam à maioria dos trabalhadores no segmento, ela é mais alta no APL, 47,90% delas tem segundo grau ou curso superior, contra 41,04% na média brasileira (Gráfico 1).

GRÁFICO 1: Brasil, Centro-Oeste, Goiás e Goiânia – Grau de Instrução e Sexo – Percentual (2004)



Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE 18

Principais Produtos

Os produtos desenvolvidos em 2004 no arranjo são basicamente peças do vestuário – exceto roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes (Classificação 18120, CNAE 95) com 76,85% da produção; em segundo, roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes (Classificação 18112, CNAE 95) com 14,11%; em terceiro, fabricação de acessórios do vestuário (Classificação 18210, CNAE 95) com 4,88%; em quarto, confecção de roupas profissionais (Classificação 18139, CNAE 95) com 3,97% e em quinto e último lugar a fabricação de acessórios para segurança industrial e pessoal (Classificação 18228, CNAE 95) com 0,20% da produção realizada (Tabela 8).

TABELA 8: Indústria de Confeções de Goiânia – Total de Número de Empresas e Média por Classificação* (2000 a 2004)

Segmento	2000	2001	2002	2003	2004	Média
Roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	117	112	125	162	217	147
Peças do Vestuário - exceto roupas íntimas	1000	1120	1129	1159	1182	1118
Confeção de Roupas Profissionais	67	62	68	69	61	65
Fabricação de Acessórios do Vestuário	63	82	89	74	75	77
Acess.p/Segurança Ind.e Pes.	0	1	2	3	3	2
TOTAL	1247	1377	1413	1467	1538	1408

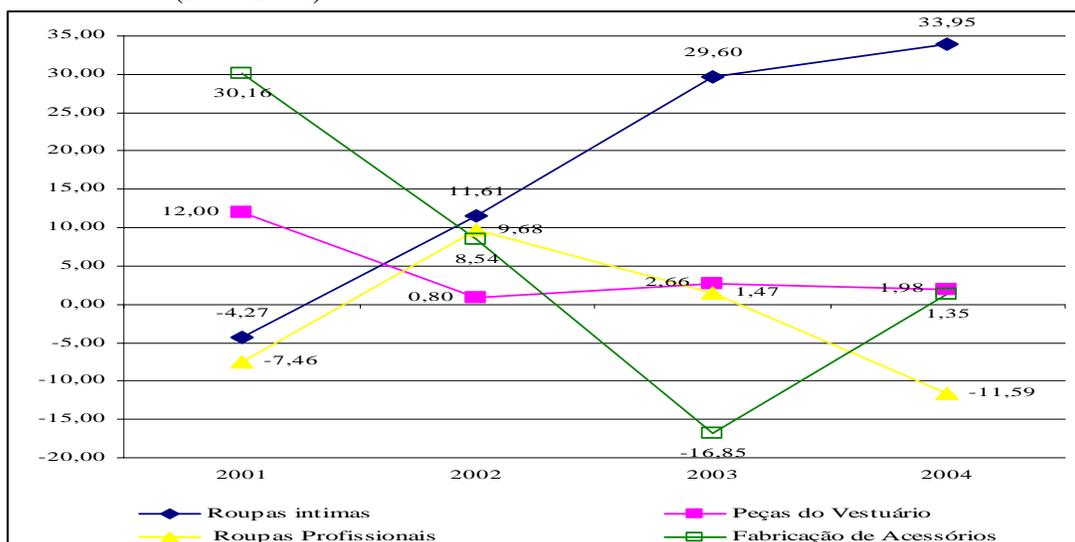
Fonte: RAIS – MTE, 2004

*CNAE Divisão 18

Analisando a taxa de crescimento das indústrias de confeções no período de 2000 a 2004, por classificação, as indústrias de confeções de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes tiveram a melhor evolução em 2004 com crescimento de 33,95%, mantendo crescimento estável após queda de 4,27% em 2001, fechando o período em primeiro lugar com crescimento acumulado de 17,72%.

As indústrias de fabricação de acessórios fecharam o período em segundo lugar com crescimento acumulado de 5,80%, e apresentou a maior queda, 16,85% no ano de 2003. As indústrias de peças do vestuário, exceto roupas íntimas, atingiram a taxa de 4,36%, não apresentando queda nas unidades produtivas no período (Gráfico 2).

GRÁFICO 2: Evolução das Indústrias de Confeções* de Goiânia por Classificação (2000-2004)



Fonte: Elaboração própria, com dados da Rais-MTE

* Classificação CNAE-18

Instituições de Coordenação e Infra-Estrutura de Conhecimento

O APL das indústrias de confecções de Goiânia conta com onze instituições de coordenação, sendo, **municipais**: Associação Comercial e Industrial da Avenida 85 e Adjacências (ACIAA); Associação dos Lojistas do Goiás Center Modas; Associação Comercial e Industrial de Confecções de Campinas (ACICC); Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia (SINROUPAS); Associação Goiana das Indústrias de Confecções e Correlatas (AGICON); Câmara de Diretores Lojistas de Goiânia (CDL) e Prefeitura Municipal de Goiânia. **Estaduais**: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás (SEBRAE-Go); Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Goiás e Associação Comercial e Industrial do Estado de Goiás (ACIEG) e **Nacional** o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC).

As indústrias Du Point Lycra e Santista, e as associações ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e ABRAVEST – Associação Brasileira de Vestuário participam de projetos desenvolvidos pela AGICON para promoção do APL tanto na divulgação quanto na realização com programas de contrapartida.

Em infra-estrutura de conhecimento conta com a Unidade de Tecnologia do Vestuário – Escola Ítalo Bologna – Serviço Nacional da Indústria (SENAI-Go); Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

Políticas de Promoção

As políticas de promoção dos APL's têm como objetivo estratégico criar as condições para o conhecimento, que sustenta os processos inovativos para criar e manter vantagens competitivas dinâmicas, de forma estruturada, ativa e cooperativa (Campos, 2000). No APL de Goiânia vêm sendo planejadas e/ou desenvolvidas pelo Governo Federal, através do Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC) e do Ministério da Integração Nacional (MI); pelo Governo Estadual, através da Secretaria Estadual de Indústria e Comércio (SIC), SEBRAE-Go, SENAI-Go e AGICON. As tradicionais linhas de apoio às micro e pequenas empresas, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal têm sido, também, ferramentas de promoção do APL.

A AGICON e o SINROUPAS, desde sua fundação, desenvolvem e estimulam ações de apoio à indústria de confecções. Com a efetiva participação do SEBRAE-Go e

SENAI-Go vêm sendo realizados cursos, treinamentos, palestras e consultorias com intuito de disseminar o conhecimento e tornar o APL mais competitivo, identificando as potencialidades apresentadas pelo arranjo local e os seus problemas.

Os cursos e palestras ministrados têm propiciado um aumento no nível de informação dos empresários, tanto para conhecimento de linhas de crédito e formas de acesso, quanto na inovação produtiva.

A articulação feita pelas instituições de coordenação e infra-estrutura do conhecimento tem conseguido avanços na divulgação do arranjo e com isso parcerias fundamentais, como a consolidação da Unidade de Tecnologia e Vestuário na Escola Ítalo Bologna, na unidade do SENAI-Go através do CETIQT; implantação dos cursos de Design de Moda das universidades UFG e UNIVERSO e com MDIC, que fez em 1997 a implantação do *I Projeto Piloto de Design* e no ano de 2003 através do MI consolidou um convênio com o Governo do Estado para desenvolver ações de capacitação de recursos humanos e assistência técnica para empresas de cinco APLs, o de Confecções de Jaraguá, de Confecções de Goiânia, de Calçados de Goianira, Farmacêutico de Anápolis e de Açafrão de Mara Rosa.

O objetivo do MI, através da Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste, é estimular os APLs que utilizam elevado grau de mão-de-obra, através de capacitação de recursos humanos e assistência técnica as empresas; financiar as micro e pequenas empresas com recursos do FCO, que a partir de junho de 2003 tem a obrigatoriedade de destinar 51% de seus recursos para as MPE. Para concretização do convênio, para 2004, foi escolhido para implantação do projeto piloto o APL de confecções de Jaraguá, turismo da Chapada dos Veadeiros e o de açafrão de Mara Rosa.

O APL conta com incentivos do Governo Estadual através de recursos financeiros e sua participação no planejamento e coordenação de várias das ações desenvolvidas, como: Portal na Internet, Goiás Center Modas, Moda Mostra Arte, Goiás Marca Moda, Moda Brasil, Flamboyant Fashion, CMB Fashion, Expo Vestir, Goiás Vive Verão, Feira Internacional da Indústria Têxtil (FENIT) e Congresso Moda Informação.

Desempenho Recente e Estratégias Competitivas

No período estudado, entre 2000 e 2004, as indústrias de confecções no APL apresentaram um bom desempenho, crescendo a taxas mais elevadas do que a média nacional. Enquanto o crescimento acumulado no número de firmas e de trabalhadores no APL, no

período, é de, respectivamente, 23,34% e 16,52%, no Brasil esses valores são 22,50% e 20,54% (Tabela 9).

Esse desempenho do APL para micro e pequena empresa está relacionado, de um lado, ao baixo custo de entrada e a ampla disponibilidade de mão de obra barata, que estimula o crescimento do setor, e de outro, às políticas de apoio e suporte, anteriormente mencionadas, desenvolvidas por entidades governamentais e não governamentais.

TABELA 9: Goiânia e Brasil – Unidades Produtivas e Trabalhadores – 2000-2004

Região	2000		2004		Variação (%)	
	Unid. Produtiva	Trabalhador	Unid. Produtiva	Trabalhador	Unid. Produtiva	Trabalhador
Goiânia	1.247	9.406	1.538	11.522	23,34	22,50
Brasil	34.745	411.272	40.485	495.727	16,52	20,54

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE 18

Nas empresas de pequeno porte do APL o crescimento das unidades produtivas de 2000 para 2004, atingiu 34,31% e no emprego 37,64%, em contrapartida as médias empresas apresentaram quedas significativa no emprego de 37,12% (Tabela 10).

TABELA 10: APL de Indústrias de Confeccões de Goiânia* - Unidades Produtivas e Trabalhadores segundo porte – 2000-2004

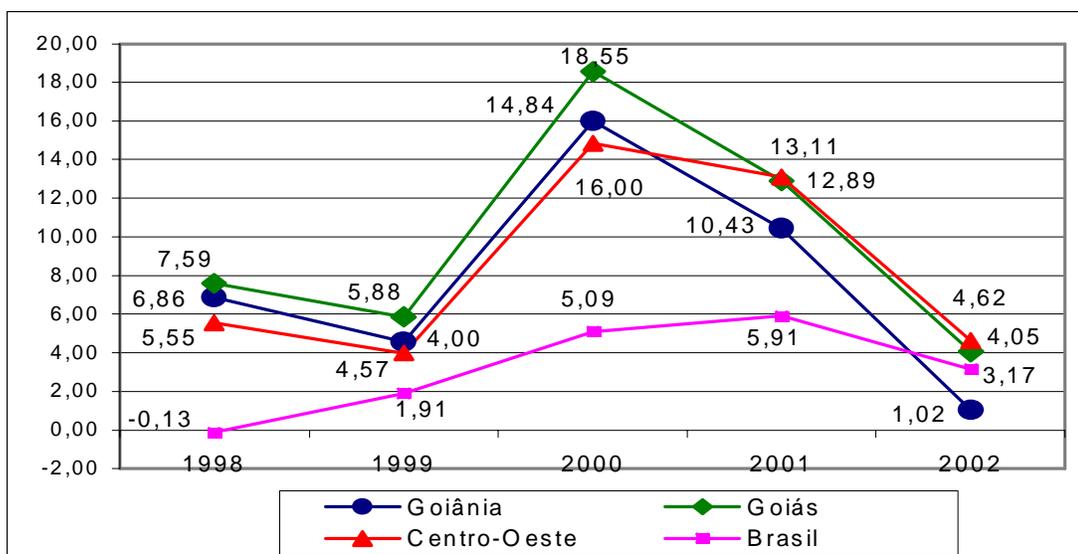
	2000		2004		Variação (%)	
	Unid. Produtiva	Trabalhador	Unid. Produtiva	Trabalhador	Unid. Produtiva	Trabalhador
Micro Empresa	1.137	4.952	1.396	6.169	22,78	24,58
Pequena Empresa	102	3.414	137	4.699	34,31	37,64
Média Empresa	8	1040	5	654	-37,50	-37,12
Total	1.247	9.406	1.538	11.522	23,34	22,50

Fonte: Rais-MTE, 2004

* CNAE 18

A evolução do número de empresas no período mostra, como pode ser observado no Gráfico 3, que o ritmo de crescimento do setor de confecções melhora bastante a partir da desvalorização cambial em 1999 - uma vez que ela reduz a pressão dos produtos importados - atinge um pico no ano 2000, e cai a partir daí em razão da retração no consumo na economia brasileira.

Gráfico 3: Evolução do Percentual no Número de Empresas de Confeccões* - Brasil, Centro-Oeste, Goiás e Goiânia - Período de 1998-2002



Fonte: Elaboração própria, com dados da Rais-MTE
* Classificação CNAE-18

Obviamente o APL sofre os impactos da conjuntura e, no geral, acompanha o movimento que ocorre no setor no Brasil, como um todo. Entretanto, suas taxas de crescimento são superiores, pelas razões já mencionadas, e tanto a ascensão com a queda do ritmo é mais acentuada.

No que se refere às estratégias competitivas no APL, os empresários têm trabalhado na construção e manutenção de marcas próprias, mas é possível encontrar confecções que trabalham como subcontratadas de grandes lojas de departamento ou hipermercados e que utilizam a marca dos subcontratantes na produção. Eles estão sempre na busca de melhores produtos, com qualidade e design atualizado para oferecer ao mercado consumidor.

Entretanto, os empresários encontram dificuldade na contratação de mão-de-obra qualificada e falta de capital de giro principalmente; o acesso direto às fábricas de máquinas e equipamentos especializados fica restrito devido à distância, e o mercado distribuidor de têxtil e acessório ainda está limitado.

Obstáculos e Potencialidades do APL

De acordo com o cadastro da RAIS-2004, predominam no APL micro e pequenas

empresas de confecção, heterogêneas e que formam uma rede não hierarquizada.

As ações de promoção do APL são articuladas com a participação do SEBRAE-Go e da SIC para elevar o nível do trabalho oferecido e conseguir um maior interesse pelos empresários no desenvolvimento local.

Instituições de infra-estrutura do conhecimento, como o SENAI-Go, procuram difundir a idéia de reestruturação tecnológica, tanto para aquisição de máquinas e equipamentos, quanto no melhor uso destes, quando da utilização de softwares específicos, com intuito de aumentar a competitividade.

A disponibilidade de mão-de-obra, e a alta absorção de trabalhadores que saem do mercado informal, com experiência, para empresas devidamente registradas transmitem o conhecimento adquirido, sendo uma das potencialidades do arranjo, a capacidade de geração e incorporação do conhecimento.

Outra potencialidade é a disponibilidade de infra-estrutura de conhecimento com cursos, palestras, congressos e consultorias específicas para o segmento de confecções. A parceria entre o SENAI-Go e o CETIQT proporciona maior conhecimento dos processos de inovação com cursos e consultorias disponíveis a grupos ou individualmente a cada empresa.

A localização geográfica, no centro do país, é outra potencialidade importante, e que deve ser aproveitada pelo APL para expansão das vendas em espaço nacional e também para exportação, o que é facilitado por ter na capital um aeroporto e empresas que fazem transporte aéreo de cargas.

Para as empresas serem beneficiadas com a localização privilegiada, geograficamente, é preciso estimular a incorporação de novas máquinas à produção, como as máquinas computadorizadas de corte e desenho, e principalmente a inovação do designer próprio. O que possibilitará maior competitividade dos produtos.

Por outro lado, por ser um segmento que requer pouco capital de entrada e apresentar grande dinamismo, as firmas surgem a partir de ex-funcionários que estão desempregados, ou mesmo por pessoas que nunca foram empresários, mas que acham o mercado promissor, com isso é grande o número de empreendedores sem experiência. Desenvolver a capacitação empresarial é um dos importantes desafios do segmento.

A informalidade é outro desafio, estimulado através de subcontratação para reduzir custo nas empresas subcontratantes, faz com que o mercado informal mantenha ativo, e com grande massa de trabalhadores com reduzidos salários e sem direito trabalhista.

Por fim, a dificuldade de acesso ao crédito de investimento, e em especial para o

crédito de capital de giro. É preciso desenvolver mecanismos de crédito que atendam as necessidades das micro e pequenas empresas do setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Vicente. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: competitividade da indústria de vestuário**, Nota Técnica Setorial. Campinas: IE/Unicamp, 1993a.

BASTOS, Vicente. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: competitividade do complexo têxtil**, Nota Técnica do Complexo Campinas: IE/Unicamp, 1993b.

BECATTINI, G., **El distrito marshalliano: una noción socioeconómica**. In: Benko, G. Y Lipietz, A. (eds) *Las Regiones que Ganan – Distritos y redes. Los nuevos paradigmas de la geografía económica*. Pp. 39-58, Edicions Alfons el Magnanim, Valencia, 1994.

CASTRO, Sérgio Duarte de. **Arranjo produtivo de confecções da região de Jaraguá – Goiás**, Relatório de atividades de expansão da redesist. Goiânia, 2004.

DINIZ, Clélio Campolina. **Global-local: interdependências e desigualdades ou notas para uma política tecnológica e industrial regionalizada no Brasil**. Estudos Temáticos. Nota Técnica 9. Rio de Janeiro: BNDES/FINEP/FUJB, dez.2000.

KRUGMAN, P., **Small business as a research subject: some reflexions on knowledge os small busness and its effects on economic theory**. *Small Business Economics*, 5: 157-166. Holanda, Kluwer Academic Publishers, 1993.

LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. **Novas políticas na era do conhecimento: o foco em arranjos produtivos e inovativos locais**. *Revista Parcerias Estratégicas*. Rio de Janeiro, fev.2003.

LÓPEZ, Andrés; LUGONES, Gustavo. **Los sistemas locales en el escenario de la globalización**. Nota Técnica 15/98. Rio de Janeiro: IE-UFRJ/MCT/OEA, 1998.

LUNDVALL, Bengt-Ake & JOHNSON, Bjorn. **Promoting innovation systems as a response to the globalizing economy, in System of innovation and development: evidence from Brazil**. Chapter 5, Edition: Edward Elgar Publishers, Cheltenham, G.B., 2003.

RAIS. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Disponível em: <http://www.mte.gov.br> Acesso em: 05 jun. 2006

ROCHA, Hélio, **Sete Décadas de Goiânia**. Goiânia: Contato Comunicação, 2003.

REDESIST, **Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos e Inovativos Locais**. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/redesist/foco.html> Acesso em: 05 jun. 2006.

RUIZ, Ricardo Machado. **A nova geografia econômica: um barco com a lanterna na popa**. Texto para Discussão Cedeplar n. 200. Belo Horizonte: Cedeplar, 2003.

SEBRAE, **Diagnóstico regional da indústria de vestuário**. Centro-Oeste Poliempresarial, Programa Regional de Desenvolvimento Empresarial de Setores de Pequenos Negócios no

Centro-Oeste. [1995?].

STORPER, M. **The regional world - territorial development in a global economy.** The Guilford Press. New York, 1997.